

GUIA ORIENTADOR

MANUAL DE BOAS PRÁTICAS



D

O

U O U R O

“... Cada um dos estados (...) reconhece que a obrigação de assegurar a identificação, a proteção, a conservação, a valorização e a transmissão às gerações futuras do património cultural e natural (...) lhe incumbe em primeiro lugar. (...)”

UNESCO,
Convenção sobre a proteção de
Património Mundial, Cultural e Natural

D

O

U

R

O

P A T R I M Ó N I O D A H U M A N I D A D E

índice



MANUAL DE BOAS PRÁTICAS

DOURO

PATRIMÓNIO
DA HUMANIDADE

Objetivos • 00

Mosaico Paisagístico do Douro • 00

As Boas Práticas Agrícolas e Ambientais • 00

Ações Interditas • 00



objetivos

Este **Guia Orientador** pretende sistematizar informações e conhecimentos dispersos e, assim, apoiar o Agricultor, na preservação da paisagem “cultural evolutiva e viva” da Região Demarcada do Douro, inscrita na lista do Património Mundial da UNESCO. Apresentam-se os princípios e as orientações a observar nas intervenções, bem como, as regras das boas práticas agrícolas e ambientais.

Mosaico Paisagístico do Douro >

Mosaico Paisagístico

A Vinha e a Armação do Terreno

Socalcos do Douro

Mortórios

Olival e Amendoal Tradicional

Pomar de Citrinos e Hortas

Compartimentação da Paisagem / Bordaduras



D

O

U

R

O

P A T R I M Ó N I O D A H U M A N I D A D E

Mosaico Paisagístico



Mosaico Paisagístico

O carácter distintivo da paisagem do Vale do Douro, traduz-se numa enorme escultura formada por encostas talhadas em socacos que testemunham a sua evolução histórica. As suas características resultam das necessidades de expansão e readaptação do setor produtivo, da inclinação do terreno, da mecanização e da evolução.

É um mosaico diversificado de culturas, matos, linhas de água, aglomerados, assentos agrícolas e adegas, distribuídos por quintas e casais.

Mosaico Paisagístico



Mosaico Paisagístico > A Vinha e Armação do Terreno



No mosaico vitícola coexistem várias formas de sistematização de terreno, que vão desde as mais antigas (socalcos com muros em pedra posta) até às mais modernas (patamares, micro-patamares mantendo os muros de pedra posta, vinha ao alto ou sem armação do terreno) que no conjunto, quando bem executadas, formam uma paisagem de grande valor cénico.

Mosaico Paisagístico > Socalcos do Douro



Mosaico Paisagístico > Socalcos do Douro



Os socalcos do Douro, suportados por muros em pedra posta de xisto, são os elementos mais marcantes na paisagem duriense, não só pela sua extensão, mas pela mestria com que foram construídos. Eles traduzem uma paisagem de beleza excepcional, remontando os mais antigos à época pré-filoxérica.

Mosaico Paisagístico > Socalcos do Douro



Socalcos Pre-filoxéricos

As vinhas caracterizam-se por socalcos estreitos ou geios, com muros em pedra posta de xisto, designados por calços, geralmente horizontais e estreitos, tradicionalmente plantados com uma ou duas fiadas de videiras, acompanhando sensivelmente as curvas de nível. A altura dos muros é de 1 a 2m, por vezes ligados entre si, por escadas em pedra, embutidas ou encastradas. Nalguns muros observam-se nichos ("pilheiros" ou "boeiros") onde eram plantadas videiras.

Socalcos Pós-filoxéricos

As vinhas organizam-se em plataformas inclinadas plantadas com mais de cinco fiadas de videiras, separadas por muros segundo um traçado de linhas quebradas. Possuem, também, escadas em pedra, embutidas ou encastradas.

Mortórios

Os socalcos abandonados após a filoxera designam-se por “mortórios” e encontram-se ocupados por matos mediterrânicos ou recolonizados por oliveiras, por vezes consociadas com amendoeiras.

Os matos mediterrânicos constituem uma reserva florística de elevada diversidade e também *habitat* referencial para diversos animais. As espécies arbustivas e sub-arbustivas que ocorrem com maior frequência são a esteva, a urze, a giesta, o trovisco, o rosmaninho, carrasco, a carqueija, o medronheiro e o zimbro.



(DESEJÁVEL A SUA
SUBSTITUIÇÃO POR
FALTA DE RESOLUÇÃO
GRÁFICA)

Mosaico Paisagístico > Olival e Amendoal Tradicional



Olival

O olival tradicional é uma cultura mediterrânica que constitui uma importante forma de ocupação do solo, associada a diferentes tipologias de armação do terrenos, não só como cultura complementar, mas também como elemento de descontinuidade da vinha, contribuindo para a diversidade do mosaico paisagístico e para a prevenção dos riscos de erosão.



Amendoal

O amendoal constitui uma cultura mediterrânica típica do Douro Superior, que ocorre de forma isolada ou ainda consociada com olival. Trata-se de uma cultura dotada de um período de floração de enorme beleza, que acrescenta uma mais valia do ponto de vista turístico, cujo fruto tem vindo a assumir relevo na economia local.

Mosaico Paisagístico > Pomar de Citrinos e Hortas

Nas margens do Douro, ou junto a linhas de drenagem natural, associados aos solos mais húmidos, existem pomares de citrinos e hortas, por vezes protegidos por muros, que defendiam as propriedades de assaltos e invasão de animais.



Mosaico Paisagístico > Compartimentação da Paisagem



Bordaduras

Estruturas lineares arbóreas/arbustivas que integram a comparticipação da paisagem, constituídas por espécies autóctones, nomeadamente oliveiras, amendoeiras, figueiras e outras fruteiras, plantadas nas extremas das parcelas e ao longo dos acessos de trabalho.

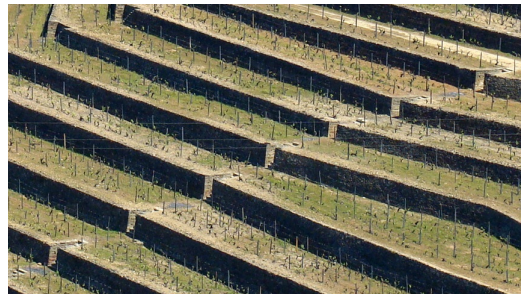


Estas estruturas assumem uma presença muito significativa na compartimentação da paisagem do Baixo e Cima Corgo.

Mosaico > Património Vernacular

Muros

Elementos marcantes da paisagem da Região Demarcada do Douro, que retêm o solo e permitem a reutilização da pedra resultante do saibramento da encosta. Tradicionalmente construídos em pedra da região (xisto ou granito) com junta seca, surgem na paisagem com formas e dimensões diversas, resultantes, quer do declive da encosta, quer das técnicas usadas na sua construção. A execução de muros, em pedra posta, sem elementos de ligação, favorece a drenagem das águas pluviais. Por vezes essa função era complementada com aberturas, denominadas “copeiros”. A articulação entre os muros assegurada através de rampas ou escadas que podem ser embutidas na própria parede.



Mosaico > Património Vernacular



Casebres e cardanhos

Estas contruções destinam-se a apoiar a actividade agrícola, servindo, essencialmente, para a recolha e guarda de alfaías e produtos, armazenamento de água ou, ainda, como abrigo, para trabalhadores.

São contruções de um piso de uma só dependência, com chão térreo ou em betonilha pobre, construídas em pedra posta de xisto, ou granito, com as padieiras, ombreiras e peitoris, por vezes em granito.

A cobertura varia entre o xisto e a telha cerâmica de barro vermelho, suportada por uma estrutura em madeira.



Pombais

Os pombais são construções de origem remota, de forma tradicionalmente circular ou em ferradura, vulgarmente de cor branca, que ocorrem com maior frequência no Douro Superior.

No interior destas construções existe uma estrutura alveolada, com inúmeras cavidades em pedra, formando ninhos que proporcionam o *habitat* de nidificação para os pombos, cuja carne (borracho) constituía um complemento alimentar importante.

O estrume produzido, vulgarmente designado de “pombinho” era utilizado como fertilizante agrícola.



Mosaico > Património Vernacular



Outro Património Vernacular

Destaca-se ainda, a existência de outro património vernacular, nomeadamente fornos, calçadas, eiras, etc...

Os fornos constituíam construções de forma circular e cobertura abobadada, com uma boca de acesso sobre uma pedra de assento, tradicionalmente utilizados para secar figos.



As eiras, espaços abertos usualmente lajeados em granito, com formas e áreas diversas, serviam para a secagem de alguns cereais, ervas aromáticas e medicinais. Situam-se nos locais com melhor exposição solar, integrados nas quintas ou junto dos aglomerados.

As Boas Práticas Agrícolas e Ambientais >

Princípios Orientadores e Intervenções

Armação do Terrenos

Reconstrução de Muros

Acessos de Trabalho

Drenagem das Águas Pluviais

Resíduos

Procedimentos



D

O

U

R

O

P A T R I M Ó N I O D A H U M A N I D A D E

As Boas Práticas Agrícolas e Ambientais > Princípios Orientadores das Intervenções

Todas as linhas de água temporárias ou permanentes, assinaladas na Carta Militar de 1:25 000 e respetiva vegetação ripícola, devem ser integralmente preservadas.

Os muros de pedra posta, bem como as restantes construções vernaculares existentes devem ser preservados.

As bordaduras existentes nas extremas das parcelas e ao longo dos acessos de trabalho devem ser mantidas ou realocizadas.

Os afloramentos rochosos e núcleos de vegetação autóctone associados devem ser mantidos sem qualquer intervenção.

A drenagem das águas pluviais deve ser realizada, de acordo com o sistema de armação proposto, devendo a sua descarga ser efetuada em local devidamente autorizado, pelo titular do direito de propriedade.

A armação do terreno deverá ser efetuada tendo em conta o declive do local e as características dos solos. O equipamento de mecanização deverá ajustar-se convenientemente ao sistema de armação proposto e à inclinação da encosta, de modo a não potenciar os riscos de erosão do solos.

Condicionantes Relativos a Plantação de Vinha

A plantação de vinhas em parcelas superiores a 5 ha ou com declive superior a 20%, obriga a apresentação de um estudo de sistema de drenagem de acordo com a armação do terreno;

A Plantação de uma parcela que resulte numa mancha contínua superior a 10 ha, no mesmo sistema de armação de terreno, obriga à instalação de bordaduras nos acessos de trabalho;

Para a plantação de uma parcela de uma exploração com área contínua de vinha, no mesmo sistema de armação de terreno, superior a 15 ha, quando estiverem em causa sistemas de drenagem tradicionais ou outros valores patrimoniais, deve ser requerida a elaboração de um plano de gestão para o conjunto da exploração;

A plantação de vinha em encostas com declive superior a 50% é interdita, salvo quando a parcela de destino, estiver ocupada por vinha ou olival armado com muros, ou ainda por mortrios que terá de ser efectuada em micropatamares, mantendo os muros de suporte, ou ainda quando a utilização anterior da parcela seja olival, amendoal, ou outras culturas, caso em que poderá ser efectuada em patamares estreitos ou micropatamares.

Condicionantes Relativos a Plantação de Vinha

A plantação de vinhas em encostas com declive compreendido entre 40 e 50% poderá ser efetuada em patamares estreitos ou micropatamares, salvo quando a parcela de destino estiver ocupada por vinha ou olival armado com muros, ou ainda por mortórios que terá que ser efetuada em patamares estreitos ou micropatamares, mantendo os muros de suporte;

A plantação de vinha com encostas de declive inferior a 40% não tem restrições, salvo quando a parcela de destino estiver ocupada por vinha ou olival armado com muros, ou ainda por mortórios, que terá que ser plantada em patamares estreitos ou micropatamares, mantendo os muros de suporte;

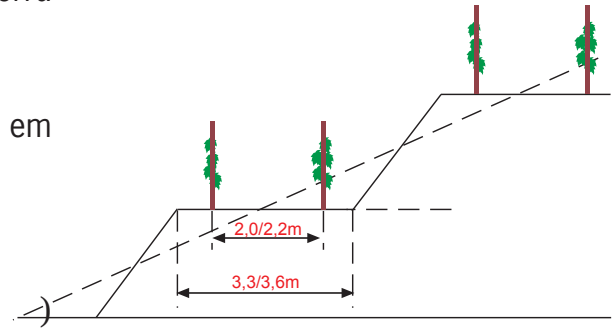
A plantação de vinhas “ao alto” só poderá ser efetuada em encostas ou parcelas com declive inferior a 30%.

As Boas Práticas Agrícolas e Ambientais > Armação de Terreno

Patamares largos

Os patamares largos constituem terraços horizontais com talude natural em terra e largura superior a 2,5m e inferior a 4,0m. Normalmente a largura utilizada é de cerca de 3,3m, comportando 2 linhas de videiras, distanciadas entre si 2,0/2,2m. A plataforma deverá ser executada com uma ligeira inclinação (2 a 3%) no sentido longitudinal e para o seu interior, permitindo que a água se infiltre e, quando em excesso corra para os acessos de trabalho.

Esta forma de armação do terreno só deverá ser utilizada em parcelas com declive inferior a 40%.

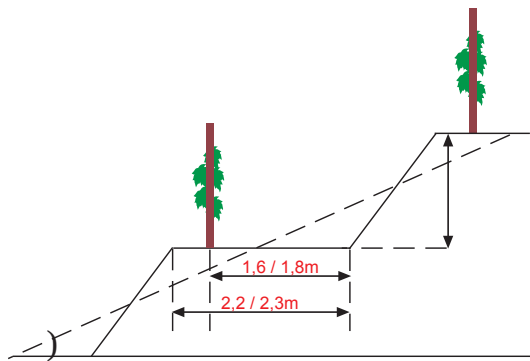


As Boas Práticas Agrícolas e Ambientais > Armação de Terreno



Patamares Estreitos

Os patamares estreitos constituem terraços horizontais com talude natural em terra e uma largura inferior a 2,5m plataforma. Usualmente a largura utilizada é de cerca de 2,2m, comportando uma linha de plantação de videiras, junto ao bordo exterior. A plataforma deverá ser executada com uma ligeira inclinação (2 a 3%) no sentido longitudinal e para o seu interior, permitindo que a água se infiltre, e quando em excesso, corra para os acessos de trabalho.



Estes patamares deverão ser construídos com equipamento adequado, preferencialmente pequenas máquinas giratórias. Os patamares estreitos apresentam um talude mais baixo e acessível, que permite o controle de infestantes, pelo que se recomenda a sua utilização.

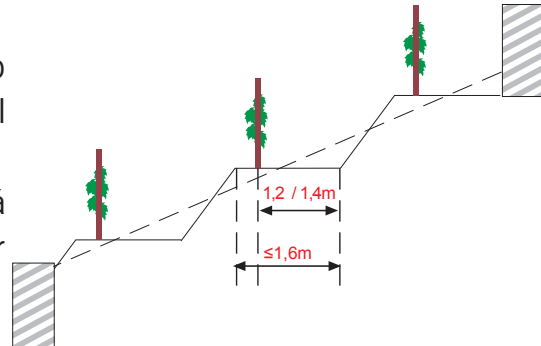
As Boas Práticas Agrícolas e Ambientais > Armação de Terreno

Micropatamares

Os micropatamares constituem uma forma de armação do terreno adequada a situações de declives acentuados e à reestruturação de vinha nas parcelas em socacos. Os terraços em terra dos micropatamares têm uma largura de plataforma até 1,6m, comportando uma só fiada de videiras dispostas a cerca de 0,3m do bordo exterior.

Na construção dos micropatamares deverá acautelar-se o escoamento das águas pluviais através de inclinação longitudinal e para o interior das plataformas.

A execução dos micropatamares entre muros não deverá comprometer a fundação do muro superior, nem sobrecarregar o muro inferior.



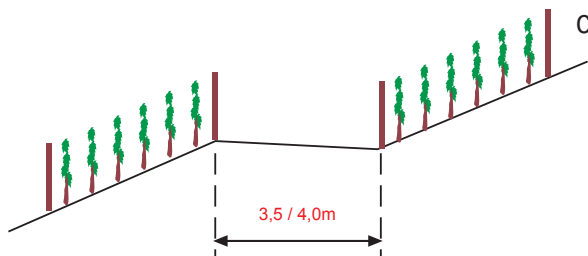
As Boas Práticas Agrícolas e Ambientais > Armação de Terreno



Vinha “ao Alto”

A vinha “ao alto”, caracteriza-se pela plantação, segundo a linha de maior declive, em plataformas inclinadas uniformemente, entrecortadas por acessos de trabalho, inseridos na encosta durante o processo de surribo, garantindo a acessibilidade, tanto às parcelas situadas a montante, como a jusante.

Este sistema de armação só deverá ser utilizado em encostas com declive pouco acentuado.

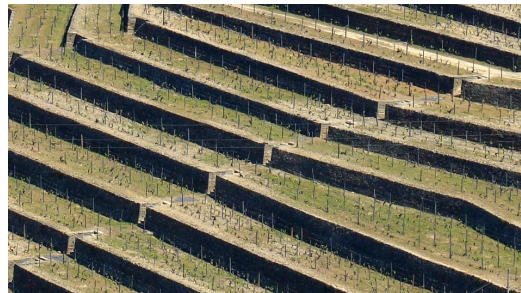
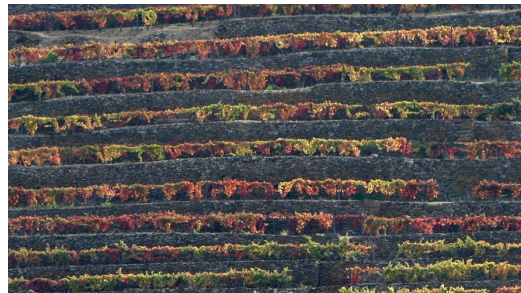


As Boas Práticas Agrícolas e Ambientais > Reconstrução de Muros

Mantenção de Muros

A preservação de muros pressupõe a realização de trabalhos de recuperação e manutenção, tendo em vista a sua conservação.

Para assegurar a sua conservação deve-se evitar cargas e assegurar a limpeza de todos os elementos adversos a uma boa drenagem do terreno.



As Boas Práticas Agrícolas e Ambientais > Reconstrução de Muros



Construção/Reconstrução

Na construção, reconstrução e manutenção de muros devem ser utilizadas as técnicas e materiais da região.

Os muros devem ser construídos a partir de uma base larga que vai diminuindo até ao topo aumentando desta forma a resistência à pressão exercida pela terra a sustentar (de uma forma geral a largura média deverá ser de 0,6m a 0,7m).

A disposição das pedras deverá ser feita de forma cruzada, assentando a junta da fiada superior no meio da inferior, sem qualquer elemento de ligação. Os espaços resultantes serão preenchidos com pedra de pequena dimensão, tornando o muro mais compacto e resistente. Na reconstrução será utilizada, preferencialmente, a pedra dos muros caídos.

Acessos de Trabalho

Os acessos de trabalho devem garantir a acessibilidade do equipamento mecânico as parcelas.

A sua construção / execução deverá ser devidamente planeada, de modo, a evitar a construção de acessos desnecessários, minimizar a destruição de património vernacular e eventuais interferências com linhas de água. Os acessos de trabalho deverão, sempre que possível, acompanhar as curvas de nível, minimizando aterros e escavações.

A largura da plataforma deverá ser a mínima necessária para a circulação das máquinas.



As Boas Práticas Agrícolas e Ambientais > Acessos de Trabalho



Acessos na vinha em patamares”

Nas parcelas sistematizadas em patamares os acessos de trabalho devem atravessar o terreno permitindo a entrada para as plataformas.

Recomenda-se a plantação de árvores em bordadura ao longo dos acessos de trabalho, bem como a estabilização dos taludes resultantes com recurso a plantação ou sementeira de espécies autóctones.

pormenor de acesso

As Boas Práticas Agrícolas e Ambientais > Acessos de Trabalho

Acessos de vinha “ao alto”

Os acessos de trabalho na vinha “ao alto” limitam o topo e a parte inferior das parcelas, permitindo o acesso direto às entrelinhas. Estes acessos devem ser definidos logo no início dos trabalhos de terraplanagem e surriba, para que a sua abertura ocorra em simultâneo com a definição das parcelas, evitando a sua abertura por escavação e aterro.



As Boas Práticas Agrícolas e Ambientais > Drenagem de Águas Pluviais



Drenagem de Águas Pluviais

Os sistemas de drenagem de águas pluviais constituem estruturas que permitem dar escoamento às águas superficiais provenientes de fora das parcelas ou não absorvidas pelo terreno.

As águas em excesso das plataformas devem ser encaminhadas para as valetas dos acesso de trabalho e posteriormente para as linhas de água. As valetas podem ser executadas em terra batida ou revestidas com materiais da região que garantam a permeabilidade.



As Boas Práticas Agrícolas e Ambientais > Linhas de Água

Linhas de Água (temporárias ou permanentes)

Todas as linhas de água existentes, temporárias e permanentes, deverão ser preservadas, salvaguardando o seu leito e margens, bem como a vegetação ripícola existente.

Recomenda-se a manutenção regular do leito da linha de água, retirando entulho, vegetação seca ou outros sedimentos acumulados, que impeçam a normal circulação da água.



CARTA 25 000

As Boas Práticas Agrícolas e Ambientais > Resíduos

Resíduos

A atividade agrícola é suscetível de gerar um conjunto de resíduos, cujo tratamento deverá ser assegurado nos termos da lei em vigor. Assim importa:

- Recolher e concentrar os resíduos de origem agrícola, sendo obrigatório para os materiais plásticos, pneus e óleos, procedendo ao seu encaminhamento para os locais próprios;
- Recolher e concentrar, obrigatoriamente, os resíduos de embalagens e de excedentes de produtos fitofarmacêuticos, mantendo-os nas embalagens de origem, procedendo à sua entrega nos estabelecimentos de venda, ou noutros locais autorizados;
- Incorporar os resíduos lenhosos no solo ou retirar-los das parcelas para locais onde a sua acumulação minimize o risco de incêndio;
- Cumprir as regras relativas à queima de sobranes e realização de fogueiras, seja no período crítico ou fora dele, quando o índice de risco temporal de incêndio seja muito elevado ou máximo;
- Não realizar fogueiras, nem queimar matos cortados e amontoados e qualquer tipo de sobranes da exploração, durante o período crítico de incêndios;

As Boas Práticas Agrícolas e Ambientais > Procedimentos

Qualquer intervenção em áreas integrantes da Reserva Ecológica Nacional parece de parecer prévio das entidades competentes; (CCDR-N/DRAPN)

Qualquer intervenção na áreas integradas na Rede Nacional de Áreas Protegidas e na Rede Natura 2000 que envolva alteração da morfologia ou do uso do solo, entre outros actos e actividades carece de parecer prévio da entidade competente; (ICNB)

O arranque de oliveiras deverá ser precedido de autorização da entidade competente; (DRAPN)

Qualquer interferência com o Domínio Hídrico carece do parecer prévio da entidade competente; (ARHNORTE)

Qualquer intervenção com interferência no Património Vernacular, na área inscrita na Lista do Património Mundial da UNESCO e Zona Especial de Proteção (Região Demarcada do Douro) carece de parecer prévio do IGESPAR.

As Boas Práticas Agrícolas e Ambientais > Ações Interditas

A destruição e obstrução das linhas de drenagem natural;

A instalação de povoamentos florestais de folhosas de crescimento rápido e a introdução de espécies faunísticas ou florísticas exóticas;

A prática da caça nas áreas submetidas ao regime cinegético geral;

A alteração da morfologia das margens ao longo de todos os cursos de água e destruição parcial ou total da vegetação lenhosa ribeirinha;

A atividade industrial extrativa, e a instalação de industria poluentes ou de novas explorações de inertes;

Qualquer atividade que comprometa a atividade do ar, da água ou do solo, nomeadamente o depósito de resíduos sólidos, sucatas, de inertes e de materiais de qualquer natureza, ou o lançamento de afluentes sem tratamento prévio adequado, de acordo com as normas legais em vigor.

ficha técnica

Edição

Estrutura Local de Apoio do Douro Vinhateiro

Entidades da Estrutura Local

Direção Regional de Agricultura e Pescas do Norte (DRAPN)

Direção Regional de Agricultura e Pescas do Centro

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte/Estrutura de Missão do Douro

Casa do Douro

Unidouro

Equipa Técnica

José Pereira/ Carlos Pereira (DRAPN)

Estrutura Sub-Regional de Vila Real (ESRVR)

Conceito Gráfico

Alexandre Araújo

Paginação

Adarme - Agência Publicitária

Fotografia

Alexandre Araújo/ DRAPN / ESRVR

Correção de Texto

Equipa Técnica

Produção

Adarmé - Engenharia Publicitária

Financiamento

Proder, Ministério da Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas /UE Fundo Europeu de Desenvolvimento Rural

Exemplares

15 000

ISBN

XXXXXX



GUIA ORIENTADOR

MANUAL DE BOAS PRÁTICAS DOURO PATRIMÓNIO DA HUMANIDADE



(LOGO A SER
SUBSTITUÍDO POR
VERSÃO VETOR)



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu de
Desenvolvimento Regional